

Entre compaixão e piedade: a configuração passional

(Between compassion and mercy: the passional configuration)

Eliane Soares de Lima¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

li.soli@usp.br

Abstract: In this paper, through an analysis of lexematic base of quite similar states of soul, compassion and mercy, we present a description of the underlying process of such patemic interactions, verifying the similarities and differences among passions. The idea is to identify through the details from the examination of semes, the modal devices which are in the base of the production of two passionate nuclei, as well as the perceptive, sensitive and affectionate circumstances of the signification. The signification of these circumstances is always understood in their language conditions, and such passions are considered as the manifestation of semiosis.

Keywords: Intersubjectivity; passional configuration; perception.

Resumo: Buscamos, neste artigo, a partir de uma análise de base lexemática de estados de alma bastante parecidos, compaixão e piedade, apresentar uma descrição do processo subjacente a tais interações patêmicas, verificando as semelhanças e diferenças em uma paixão e outra. A ideia é identificar, através dos dados levantados pelo exame dos semas, os dispositivos modais que estão na base da produção dos dois núcleos passionais em pauta, bem como as circunstâncias perceptivas, sensíveis e afetivas da significação, sempre entendidas em suas condições linguageiras, para compreender tais paixões na própria manifestação do acontecimento da semiose.

Palavras-chave: Intersubjetividade; configuração passional; percepção.

Introdução

Uma das principais dificuldades da interação passional deve-se justamente ao fato de que, fora do percurso completo que compreende, entre outras coisas, a expressão somática ou verbal, a paixão de um sujeito é ilegível para o outro: o nome da paixão fornece, então, uma indicação suplementar, que reativa um esquema canônico esquecido. Não basta experimentar, é preciso ainda que se reconheça o que se experimenta!

Jacques Fontanille

As paixões, do ponto de vista da semiótica francesa, são concebidas como efeitos de sentido derivados de organizações, intersecções e combinações próprias à linguagem, próprias a uma determinada situação de interação, como modulações dos estados dos sujeitos, sendo estes provocados pelas modalidades investidas no objeto (desejável, detestável, temível, etc.), as quais, por sua vez, definem o “ser” do sujeito. Ela é, então, antes de tudo, uma configuração discursiva, caracterizada ao mesmo tempo por suas propriedades sintáticas.

Uma paixão nasce, nessa perspectiva, diretamente da relação do sujeito com seu objeto, ou, melhor dizendo, da relação entre o sujeito e o valor investido no objeto. Essa ligação entre os dois actantes pode ser categorizada a partir das chamadas “modalidades de base” – *querer, dever, poder, saber e crer* –, sendo a combinação entre elas um dos

¹ Bolsista FAPESP – Processo nº 10/52074-0.

fatores responsáveis pela produção dos efeitos de sentido passionais. Como afirma Barros (2001), “para explicar as paixões, é preciso, portanto, recorrer às relações actanciais, aos programas e percursos narrativos”. Foi pensando assim que, no início de seu desenvolvimento, a semiótica das paixões optou pela análise lexical, procurando dar às paixões-lexema (cólera, avareza, ciúme, etc.) e a suas expressões discursivas definições sintáticas suscetíveis de estabelecer o processo subjacente à definição.

Segundo Greimas (1983, p. 225), “as descrições lexemáticas podem constituir, de modo econômico, modelos de previsibilidade para análises discursivas posteriores”.² É por isso que, para este trabalho, que tem a intenção de verificar se há especificidades sintáticas na configuração dos efeitos passionais de compaixão e de piedade, optamos por um exame de base lexemática. A ideia é identificar, através dos dados levantados pela análise dos semas, os dispositivos modais que estão na base da produção dos dois núcleos patêmicos em pauta, para então poder verificar as semelhanças e diferenças de uma paixão e outra.

Nossa hipótese é a de que, mesmo mantendo relações semânticas de vizinhança e de imbricação, compaixão e piedade possuem particularidades sintáticas específicas, podendo ser concebidas como estados de alma distintos. A nosso ver, a primeira (compaixão) está mais ligada ao sentimento de pesar em si, à *sensibilização* passional, sendo mais da ordem da sensibilidade, enquanto a outra (piedade), a uma avaliação da situação, à *moralização*, mais ligada à inteligibilidade. Isso interessa à medida que permite pensar nos diferentes modos de interação entre o sujeito e aquilo que se põe em seu campo de presença, no(s) elemento(s) responsável(is) pelas maneiras distintas de reação ao contato com o outro, com aquilo que nos cerca.

Ainda de acordo com Greimas (1983) os lexemas se apresentam como condensações de estruturas discursivas e narrativas; eles contêm as primeiras informações sobre a maneira como “funcionam as paixões”. Na análise lexical é preciso, pois, depreender a (re)formulação sintática da definição, ou seja, transformar os “nomes-lexema” em “patemas-processo”, identificando as organizações modais subjacentes, assim como as operações que as predis põem a participar das configurações passionais de sensibilização e moralização. A partir daí é possível definir o conjunto da organização estrutural latente à definição.

Além disso, no início do desenvolvimento da semiótica de linha francesa a problemática da enunciação ainda não era trazida à luz de modo significativo, para que a investigação se orientasse predominantemente à organização interna dos dispositivos significantes; no entanto, se antes a teoria preocupava-se fundamentalmente em apreender o processo semiótico em seu aspecto realizado, agora, em seu estágio atual, ela une as circunstâncias perceptivas, sensíveis e afetivas da significação, sempre entendidas em suas condições languageiras, para compreender tal processo na própria manifestação do acontecimento da semiose. Nesse sentido, importa à investigação que aqui propomos estender essa perspectiva ao estudo das paixões, mostrando a legitimidade e os rendimentos de tal incorporação para a compreensão e descrição de uma dada interação patêmica.

Uma descrição dessa natureza se justifica na tentativa de contribuir para a expansão e reformulação do modelo semiótico de análise das paixões, buscando ainda colaborar com a incorporação da retórica à semiótica discursiva, uma vez que, ao examinar e descrever

² Tradução própria do trecho: “les descriptions lexématiques peuvent constituer, de façon économique, des modèles de prévisibilité pour des analyses discursives ultérieures” (GREIMAS, 1983, p. 225).

os elementos de base das configurações passionais em questão, será possível compreender os seus efeitos persuasivos.

Compaixão e piedade: levantamento das definições

Depois de uma extensa pesquisa nos dicionários de Língua Portuguesa, percebemos que, de um modo geral, compaixão e piedade são concebidas como um sentimento de pesar que nos desperta o infortúnio de outrem. Nos dicionários mais básicos, do tipo escolar, as definições se cruzam, colocando uma como sinônimo da outra. Exemplo (RODRIGO; NUNO, 2008):

COMPAIXÃO *s.f.* (lat. *compassio*, sofrimento comum). Sentimento de pesar que nos causam os males alheios; comiseração, piedade, dó.

PIEDADE *s. f.* (lat. *pietas, pietatis*). 1. Compaixão, dó, pena, comiseração. 2. Devoção, afeição e respeito pelas coisas religiosas.

Essa definição é a mais comum, embora ela, se observarmos com atenção, já aponte para um sema diferenciador em cada um dos lexemas. De qualquer forma, como as significações se cruzam, optamos, então, pela explicação mais minuciosa encontrada nos dicionários de referência da língua. Exemplo (HOUAISS; VILLAR, 2009):

COMPAIXÃO: *s.f.* sentimento piedoso de simpatia para com a tragédia pessoal de outrem, acompanhado do desejo de minorá-la; participação espiritual na infelicidade alheia que suscita um impulso altruísta de ternura para com o sofredor.

PIEDADE: *s.f.* **1** devoção, amor pelas coisas religiosas; religiosidade; **1.1** Rubrica: religião; virtude que permite render a Deus o culto que lhe é devido; **2** compaixão pelo sofrimento alheio; comiseração, dó, misericórdia.

Mesmo com a diferença aparecendo aqui de modo mais claro, ainda assim, os lexemas são tomados como sinônimos. Na designação de compaixão aparece o termo “sentimento piedoso” e na de piedade há a referência à compaixão, o mesmo ocorrendo na descrição encontrada nos outros dicionários pesquisados. Dessa forma, para evitar qualquer equívoco que pudesse prejudicar nossa análise, escolhemos tomar como base a definição etimológica (HOUAISS; VILLAR, 2009) dos termos na qual a “confusão” se apaga:

COMPAIXÃO lat. *compassio,ōnis* ‘comunidade de sentimentos, sofrimento comum’.

PIEDADE: lat. *piētas,ātis* ‘cumprimento do dever, virtude, justiça, fidelidade’.

Nesse caso, a diferença entre as duas significações é clara. Há, sem dúvida, nos dois lexemas, uma marca do *sentir* em relação ao outro. O que parece variar, contudo, é o modo como ele se configura em cada uma das maneiras de interação entre os sujeitos. A definição de compaixão traz os semas do “comum”, da “comunidade”, caracterizando uma partilha mesmo do sofrimento, um sentir junto, sentir COM, enquanto a de piedade fala em “dever” e “virtude”, ou seja, na “obrigação” do sentir, caracterizando um compadecimento pelo outro, um sentir POR. Essa ideia se confirma a partir das definições apresentadas nos dicionários de latim. Exemplo (SARAIVA, 2000):

CŌMPĀSSĪŌ, ŌNĪS, *s. ap. f.* (de compati) TERT. Soffrimento commum. § Comunhão, participação. *Compassio sententiarum*. TERT. Comunhão de opiniões. § PROP. FORT. Compaixão. [...]

CŌMPĀSSĪBĪLĪS, Ę, *adj.* (de compati) TERT. Que soffre com, que partilha o sofrimento. § [...]

PĪĒTĀS, ĀTĪS, *s. ap. f.* (de pius) 1º Comprimento do dever, virtude, justiça, fidelidade, lealdade; 2º Comprimento dos deveres religiosos, sentimento religioso, piedade, culto, devoção; [...]

PĪŪS, Ā, ŪM, *adj.* Que cumpre o dever, virtuoso, puro, justo, honrado, honesto, casto; [...] 2º Que presta o culto devido aos deuses, piedoso, pio, religioso; devoto; [...]

De qualquer forma, é preciso ir além de uma simples interpretação dos semas. É necessário, como salientava Greimas (1983), estabelecer, a partir dos segmentos definicionais, o processo de configuração de tais estados de alma, passando da definição à denominação. Isso porque o ponto de vista da semiótica das paixões é o da complexidade, isto é, o das correlações entre dispositivos e dimensões provenientes de diversos níveis do percurso gerativo do sentido, de modo que a todo estado passional subjaz uma estrutura narrativa da qual é possível identificar não só os dispositivos modais, presentes na base da existência semiótica do sujeito, mas também as condições enunciativas de sua configuração.

A tradução sintática da significação: da definição à denominação

O primeiro passo da investigação, de acordo com a maneira de analisar de Greimas (1983), deve ser um levantamento dos segmentos definicionais (cf. Quadro 1) que estão na base dos lexemas examinados, por serem eles os detentores das principais características do modo de interação típico à compaixão e à piedade, permitindo identificar a estrutura modal subjacente. Assim, temos:

Quadro 1 – Segmentos definicionais dos termos em análise

COMPAIXÃO	PIEIDADE
1. sofrimento comum;	1. cumprimento do dever;
2. comunidade de sentimentos;	2. virtude, justiça, fidelidade;
3. comunhão, participação.	3. cumprimento dos deveres religiosos.

As definições de compaixão e piedade levam a perceber uma primeira característica das paixões-lexema, a intersubjetividade. Tanto compaixão quanto piedade retratam uma relação intersubjetiva entre os sujeitos envolvidos – aquele que sofre e aquele que é testemunha de tal sofrimento –, apontando para o componente fiduciário (inserção do *crer* – modalidade epistêmica) da configuração passional, para a partilha dos valores em jogo, o que pode explicar o fato de elas serem tomadas como sinônimos. O sujeito compassivo ou piedoso, que é aquele que testemunha o sofrimento de outrem, compadece-se do sofrimento do outro porque, partilhando dos mesmos valores, *crê-saber* o tamanho e o efeito causado pelo mal que o assola. Trata-se do que em semiótica chamamos *juízo epistêmico* (o *crer*).

Nesse sentido, o *crer* (-saber), enquanto marca do efeito de identificação entre sujeito (aquele que testemunha) e objeto (aquele que sofre), apresenta-se como o pivô passional da configuração. É ele o responsável pelo “despertar” da experiência patêmica,

o elemento que, marcando a competência do sujeito apaixonado para sentir, fundamenta a relação intersubjetiva deste com o sujeito do padecimento, isto é, com o sujeito da falta, o objeto. Contudo, como demonstram os semas dos segmentos definicionais de um estado de alma e outro, descritos anteriormente, o vínculo estabelecido entre os sujeitos desses núcleos patêmicos é caracterizado por um *crer* de natureza qualitativa diferente, conforme será demonstrado ao longo da análise.

Pensando em termos de estrutura narrativa, vemos que a inter-relação subjetiva típica aos dois estados de alma examinados define o *ser* modalizando o *ser*, uma vez que é o estado do sujeito da falta, aquele que sofre, o modalizador do estado do sujeito apaixonado, aquele que testemunha o sofrimento alheio. Entramos, portanto, no âmbito das modalidades veridictórias (*ser* vs. *parecer*) “em cujo interior se exerce a atividade cognitiva de natureza epistêmica” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 533). Em outras palavras, o que temos é o sujeito apaixonado, seja o compassivo, seja o piedoso, estabelecendo, a partir da manifestação (o *parecer*), a imanência (o *ser*) do sofrimento do outro, sendo esse fazer interpretativo o elemento-chave da estruturação patêmica.

Dessa forma, caracterizando um modo de existência semiótica, de junção entre o sujeito e o objeto, compaixão e piedade se colocam como enunciados de estado, e como explica Barros (2001, p. 62):

O sujeito do estado é o lugar privilegiado da confluência das duas relações: enquanto sujeito, está em conjunção ou em disjunção com o objeto-valor, enquanto destinatário, papel assumido pelo fato de a junção resultar de um fazer comunicativo, relaciona-se com o destinador. O sujeito do estado, por conseguinte, mantém laços afetivos ou passionais com o destinador, que o torna sujeito, e com o objeto, a que está relacionado por conjunção ou por disjunção.

Isso pode explicar uma outra característica para a qual os próprios segmentos definicionais apontam, a da configuração de um *querer(-ser)* para o *crer* da compaixão e um *dever(-ser)* para o da piedade. Nota-se, pois, que, se há um princípio estruturador comum a ambos os estados de alma (o *crer-saber*), o ‘*ser do ser*’, ou melhor dizendo, o ‘*ser do crer*’, em cada um deles é sobredeterminado por diferentes predicados modais.

Na compaixão, cuja modalidade dominante é a do *querer*, a interação responsável pela operação de sensibilização, como demonstram os segmentos definicionais destacados, faz-se diretamente entre sujeito e objeto (sujeito apaixonado e sujeito da falta, respectivamente), marcando uma autodestinação (sincretização dos papéis actanciais do destinador e destinatário na figura do sujeito compassivo). Já no caso da piedade, que tem o *dever* como modalidade regente, essa mesma interação sensível é predeterminada pela discretização dos actantes destinatário-sujeito e destinador (sujeito apaixonado e conduta moral, por exemplo) na composição do sujeito piedoso. O sentir, ou a sensibilização, não surge, nesse caso, do próprio sujeito, mas de uma “obrigação”, uma “necessidade”, para usar a denominação própria ao *dever-ser*, que lhe é imposta pelo destinador.

O *crer-saber* dos sujeitos compassivo e piedoso, enquanto produto do modo de interação estabelecido em uma paixão e outra, mostra, pois, diferentes maneiras de configuração, e, portanto, oferece competências diferenciadas a cada um deles. Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 255), a crença, tomada como competência, pode tomar duas formas:

A primeira é uma crença que, do ponto de vista do caráter predicativo, será endógena e, do ponto de vista tensivo, de abertura: é a *assunção* (o sujeito assume sua competência como uma eficiência sentida como que “do interior” ou, de todo modo, com plena “autonomia”); a segunda é uma crença exógena e, do ponto de vista tensivo, fechamento: é a *adesão* (o sujeito adere à sua competência como uma eficiência sentida “do exterior”; estamos então diante da heteronomia”).

O *crer* da compaixão é, nesse sentido, um *crer assumido* pelo sujeito, o que explica o *querer-ser* que o configura e a partilha mesmo do sofrimento, enquanto na piedade ele é um *crer aderido*, justificando o *dever-ser* e a motivação exógena do pesar. As modalidades de base da configuração do sujeito compassivo (*querer-ser*) e do piedoso (*dever-ser*) mostram-se, assim, vinculadas aos modos de existência do *crer*, do *sentir*, ou seja, da junção. No primeiro caso, trata-se de um *crer realizado* que indica a plenitude da conjunção entre sujeito e objeto. No segundo, por outro lado, o *crer* está *potencializado*, definindo uma não-conjunção. Dessa forma, o sentir “despertado” pelo *crer* da compaixão parece apontar para uma intensidade tônica que une, de fato, sujeito e objeto, e o da piedade, a uma intensidade átona que os mantém em relação, mas não propriamente em união.

Essa questão fundamenta e corrobora a interpretação feita no levantamento das definições: a de compaixão como um *sentir com* e piedade como um *sentir por*. O *querer*, resultante do *crer assumido* e, então, *realizado*, é modalidade endotáxica, isto é, liga enunciados que têm sujeitos idênticos ou em sincretismo, apontando para uma simetria de lugares: o sujeito (apaixonado) em conjunção com o objeto-valor, este figurativizado pelo sujeito da falta, o sofredor. O *dever*, por sua vez, conseqüente do *crer aderido*, *potencializado*, é modalidade exotáxica, ligando enunciados que têm sujeitos distintos e definindo uma assimetria de lugares, não por uma disjunção, mas por uma não-conjunção do sujeito (apaixonado) com o objeto-valor. Explica-se, assim, a marca de identidade no pesar do compassivo e de alteridade no do piedoso.

Querer e *dever* se colocam, então, como modalidades dominantes na configuração do sentir (do pesar) do sujeito apaixonado, estabelecendo o ‘*ser do ser*’ ou, mais especificamente, o ‘*ser do sentir*’, o modo como o sujeito se relaciona com o objeto. Na compaixão ele se configura a partir de uma lógica volitiva – *querer-ser* –, sendo um “impulso” (sensibilização); por outro lado, na piedade, ele se dá por uma lógica alética – *dever-ser* –, definindo uma necessidade, e por isso mesmo uma “virtude”. Daí a força da sensibilização, do efeito sensível, em uma, e da moralização, do efeito inteligível, em outra.

Instaurando-se como a qualificação e a condição próprias ao *ser* e, conseqüentemente, ao *sentir* do sujeito apaixonado, as modalidades do *querer* e do *dever* traduzem as formas de interação entre sujeito e objeto, entre aquele que sofre e aquele que testemunha o sofrimento. A modalização é, dessa forma, remetida ao campo perceptivo do sujeito, uma vez que os modos de interação estão intimamente ligados à percepção; é ela que os dirige e gerencia.

Saímos, então, do horizonte das modalizações para entrar no das modulações discursivas, que antecedem as modalidades; ou, conforme colocam Fontanille e Zilberberg (2001, p. 234), passamos a uma assimilação da “modalização como modulação dos efeitos intencionais associados ao estabelecimento de uma dêixis perceptiva; como regulação da comunicação interactancial”.

Da modalidade à modulação: os parâmetros tensivos

Sabendo que são os diferentes modos de existência os organizadores do campo perceptivo³, considerado pela teoria como domínio espaço-temporal em que se exerce a percepção, conseqüentemente a interação entre sujeito e objeto, daremos continuidade à exploração do *crer realizado* (compaixão) e do *crer potencializado* (piedade) para compreender melhor as modulações que acompanham as modalidades resultantes e características ao efeito passional de compaixão e de piedade: *querer* e *dever*, respectivamente.

As primeiras articulações prefiguradoras das modalidades dizem respeito às modulações tensivas típicas aos modos de existência identificados – o *realizado*, para o sujeito compassivo, e o *potencializado*, para o piedoso –, as quais, articuladas às noções de intensidade e extensidade, permitem determinar os estilos tensivos (contensivo, extensivo, retensivo e distensivo) próprios à compaixão e à piedade.

De acordo com Fontanille e Zilberberg (2001), o modo de existência *realizado*, na perspectiva da intensidade é *compacto*, e na da extensidade, *uno* e singular (conf. Figura 1), definindo o estilo contensivo da relação entre sujeito e objeto; e o modo *potencializado*, ao contrário, tem intensidade *distribuída* e extensidade *dividida* (conf. Figura 1), resultando na distensão, na possibilidade de *cisão* da interação.

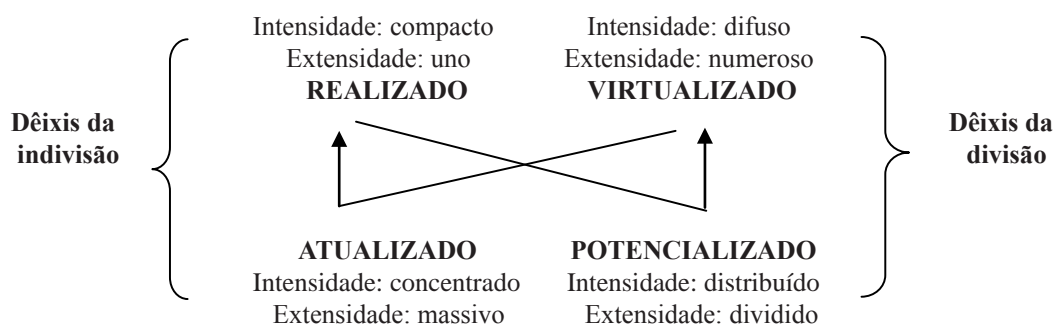


Figura 1 – Regimes de intensidade e extensidade (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 136)

Assim, o devir característico ao sentir do sujeito compassivo, que exerce o *crer realizado*, configura-se por uma intensidade de presença viva, tônica, marcando, pois, uma maior ligação, uma maior tensão na relação entre sujeito e objeto, e, por conseguinte, um impacto superior deste sob aquele. No caso do piedoso, o devir, fruto do *crer potencializado*, ata a diminuição da tensão interativa ao fracionamento da percepção, apontando, simultaneamente, para a presença átona da intensidade e a “perda de densidade” existencial do objeto. Mais uma vez, confirma-se a questão do ‘sentir com’ na compaixão (emoção intensa, tônica, que gera a unidade) e do ‘sentir por’ na piedade (emoção distribuída e, por isso, átona, marcando a cisão).

Além disso, sendo o domínio considerado aquele determinado pelo alcance espaço-temporal do ato perceptivo, que pode ser expresso tanto em termos de extensão dos objetos percebidos, quanto em termos de intensidade das percepções, as características levantadas remetem a uma percepção mais fechada por parte do sujeito compassivo, típica ao *foco*, no qual, conforme explicam Fontanille e Zilberberg (2001, p. 130), “a intensidade e a extensidade perceptivas evoluem de maneira inversa: quanto menos objetos se visam de

3 Capítulo “Presença” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 123-151).

uma só vez, mais bem estes são visados”, e mais aberta no caso do piedoso, característica à *apreensão*, “que procede por delimitação de uma extensão, e demarca o domínio para aí circunscrever o objeto” (2001, p. 130). Isso pode explicar a questão da prevalência do sensível na compaixão, e da inteligibilidade na piedade, uma vez que é a intensidade que prepondera na primeira e a extensidade na segunda.

Isso, no entanto, só pode ser confirmado por uma análise que tenha tais interações entre sujeito e objeto *in praesentia*, isto é, discursivizadas. De qualquer forma, se “focalizar” é selecionar, numa extensão aberta, a zona em que se exercerá a percepção mais intensa, renunciando ao número dos elementos apreendidos em prol da saliência perceptivas de alguns, ou de um único (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001), nossa hipótese é a de que o efeito passional de compaixão se configura quando a percepção do sujeito apaixonado recai mais exclusivamente sobre o sujeito da falta, o sofredor, ou melhor, sobre o padecimento, quando não o desespero, vivido por ele, o qual concentraria, portanto, toda a intensidade da percepção, justificando a maior ligação entre sujeito e objeto e a configuração do *crer(-saber)*, de fato, *realizado*.

O efeito de piedade, por outro lado, surgiria a partir de uma percepção que privilegia não o sofrimento do outro em si, mas sim o mal causador, caracterizado na extensão do domínio espacial do ato perceptivo, o que explica a menor interação subjetiva e o *crer(-saber) potencializado*. A potencialização do *crer*, perante o objeto percebido como *distribuído e dividido*, compromete a apropriação (assimilação) síncrona entre os sujeitos, de tal sorte que a tensão da interação diminui, distribuindo-se e distendendo o sentir (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001).

Além disso, ainda segundo os autores de *Tensão e significação* (2001), as definições respectivas de *foco* e *apreensão* são homólogas às noções de *valores de absoluto* e *valores de universo*. Os primeiros, associados às operações de *triagem* axiológica, firmam-se no tipo perceptivo do *foco*, ou seja, o máximo de intensidade está vinculada à unicidade, a uma grandeza caracterizada por sua tonicidade perceptiva e sua consequente exclusividade no campo de presença do sujeito, conforme acreditamos ser o caso da compaixão, na qual a interação entre os sujeitos é marcada por uma maior homogeneidade. Os segundos, por sua vez, os *valores de universo*, estão relacionados às operações de *mistura* e *totalização* axiológicas, estabelecendo-se na *apreensão*, com a intensidade ligada à multiplicação dos elementos no ato perceptivo, como parece ser o caso da piedade, cuja marca é de heterogeneidade.

Assim, as condições de emergência do sentir na compaixão e na piedade estariam ligadas, sobretudo, aos diferentes modos pelos quais os valores investem e estruturam o campo de presença do sujeito sensível em uma paixão e outra, apontando para as articulações de base perceptiva que aparecem associadas à modalização existencial e que definem diferentes estilos de valoração do objeto, de competência para sentir.

Considerações finais

Reconhecendo o caráter intersubjetivo de compaixão e piedade, procuramos, a partir dos elementos levantados pela análise lexical, compreender, pelo menos de duas maneiras, a configuração subjacente a tais interações: no que diz respeito a identidade modal dos sujeitos compassivo e piedoso, e naquilo que tange ao ato perceptivo. A ideia

era a de examinar a existência de semelhanças e possíveis diferenças na configuração sintáctica de tais efeitos passionais.

Do ponto de vista das modalizações existenciais, as modalidades regentes da identidade do compassivo e do piedoso, *querer* e *dever* respectivamente, definindo os modos de interação entre sujeito e objeto em um caso e outro, uma vez que incidem sobre a junção, já mostraram uma diferença significativa de estruturação, e não só em termos sintáxicos, mas também semânticos, por poderem, enquanto valores modais, ser concebidas como elementos regentes das axiologias envolvidas em tais núcleos patêmicos, sendo um mais ligado ao íntimo humano (ou aos *valores de absoluto*) e o outro aos deveres morais e religiosos (ou aos *valores de universo*).

Isso demonstra que são as modalidades os dispositivos de base das interações patêmicas estudadas, caracterizando a sensibilização ao efeito passional de compaixão e a moralização ao de piedade. Por outro lado, enquanto operadores de modalização da junção, da relação intersubjetiva dos sujeitos, ou entre sujeito e objeto na perspectiva das funções actanciais, *querer* e *dever* apontaram também para as especificidades de base perceptiva da configuração do pivô passional, o *crer*, mostrando o “aquém” da identidade modal do compassivo e do piedoso.

Assim, o primeiro fator da configuração passional, como demonstrou a análise, é a percepção, que se apresenta como condição do acesso ao valor para o sujeito, predispondo às operações de sensibilização e moralização. Como tal, é, então, o modo de perceber o objeto que define o “o valor do valor” e, conseqüentemente, as características típicas a determinada maneira de interagir, de se relacionar com o que representa o outro, o objeto.

As diferenças qualitativas do *crer(-saber)* do compassivo e do piedoso, mais do que das modalidades de base de cada uma das estruturas patêmicas, emergem, pois, da percepção, que, dando tratamento diversificado à inserção dos valores, a partir da relação entre as dimensões da intensidade e da extensidade, acaba estabelecendo especificidades distintas a cada um dos processos de produção.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2001.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial; São Paulo: Humanitas, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien. De la colère: étude de sémantique lexicale. In: _____ . *Du sens II*. Paris: Seuil, 1983. p. 225-246.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. Do estado de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias et al. São Paulo: Contexto, 2008.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda.

RODRIGO, D.; NUNO, F. (Coords.) *Minidicionário Larousse da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000. Redigido segundo o plano de L. Quicherat.